REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:002

30 DE OUTUBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Chronica Occidental

Quando, nas peças magicas, o pyrotechnico, dentro dos bastidores, accendeu os fogos de bengala, e a fada começou, entre nuvens de lona, subindo para o seu palacio, todos ficaram certos de que o Diabo não torna a sahir dos infernos e de que o princez e a princeza estão muito bem casados. Nas magicas é assim, ahi pelas alturas do Principe Real ou da Trindade; mas na vida real acreditamos menos nas fadas ou na inviolabilidade de carceres em que o diabo se estorça *per omnio saecula*. Se algum bem nos promettem, duvidamos d'elle até que o passarinho nos caia nas mãos, e, quando o temos nas unhas, ainda o miramos, não seja falsificado. Pois não havia aquelle que o Gervasio conheceu e aproveitou para uma peça, que vendia aos saloios mochos pintados de verde a fingir papagaios? N'um grande bem custa muito a acreditar, e, por isso, alguns ainda duvidam de que seja d'esta vez que o ponto final de bengala, com os competentes tremolos de orchestra, seja posto na questão dos tabacos.

Pois já não era sem tempo. Acabou a questãos nas camaras; o *Diario do Governo* vae dar-lhe o golpe final. Será depois o contracto assignado? Eis a pergunta que ainda fazem alguns. Até por esse motivo correu que ainda mais um ministerio havia de cahir, o actual do sr. João Franco.

Deve ser vicio dos que desejam ver ministerios em terra, como se ministros fossem picadores de vara larga e o contracto dos tabacos um formidavel toiro desembolado.

Comquanto a politica continue sendo e promettendo ser o melhor desfastio de ociosos nos tempos que vão correndo, Deus nos livre de tal queda no repisado assumpto.

Não ignora ninguem que questões de dinheiro — e sobretudo as de muito dinheiro — a todos interessam. Muito mais que uma vez, aqui nos entretivemos — sempre a proposito dos tabacos — fazendo nossa glosa á canção de Mephistofeles. O mesmo, durante dois longos annos, financeiros de todos os tamanhos, desde opulentos banqueiros até simples reporters, o foram fazendo em varias linguas por toda a imprensa europeia.

Diz-se agora que por simples modificação d'uma linha na minuta combinada, a companhia dos tabacos não assignará o contracto. Pois haviamos de voltar á mesma vacca fria, já apodrecida e com tantas varejeiras esvoaçando-lhe em volta? Antes deixar de fumar para todo o sempre!

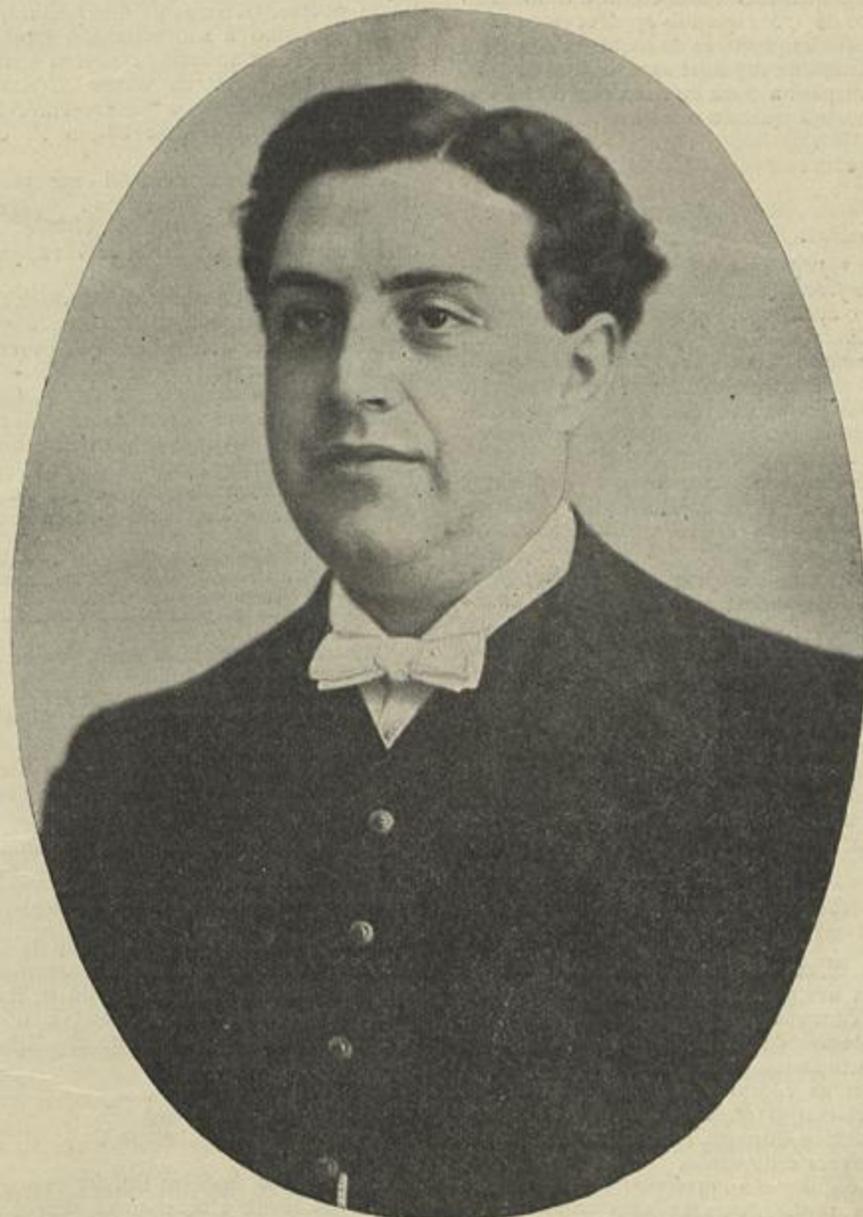
Falou-se, ha dias, na camara dos pares, a este respeito, e dos nossos avós que tomavam rapé e dos nossos netos que, melhor e mais higienicamente educados, talvez abandonem o cigarrinho. Com que direito quer o cigarro viver mais tempo do que a pitada?

Ha duas coisas que, salvo raras excepções, depõem contra a completa intelligencia d'um homem, e são o fumo e o monoculo; tornaram-se uma necessidade, mas começaram por uma impostura. E' olhar para um pequeno, com ar de gente, deitando alto as fumaças, a cada fumaça olhando para o cigarro a ver se arde bem, sacudindo-lhe a cinza com importancia, e a cuspir, a cuspir, todo afflicto, envenenado pela nicotina. E' a impostura que lhe está mettendo um vicio no corpo. D'aqui a um anno põe monoculo e não tarda que esteja miope á força.

Dizem as estatisticas que o numero dos fumadores vae diminuindo. Assim seja. Quem sabe se não parecerá impossivel, em futuro não muito remoto, que um vicio como o do fumo pudesse, alguma vez, salvar as finanças d'um paiz? Um vicio, antes de ser vicio, foi costume; coisa tão difficil de perder-se, bastava não começar com elle.

Se os rapazes novos continuarem a querer ser gente, dê-se a cada um d'elles um monoculo de vidraça e prohiba-se-lhes por uma vez as visitas á estanqueira. A Frei Thomaz, que foi impostor em criança e fuma agora sessenta cigarros por dia, com grave prejuiso da saude e da algibeira, conceda-se-lhe a consolação de haver, uma vez, ajudado a salvar as finanças da sua terra.

Não se fala em vicio tributado, que não venha logo á discussão a jogatina e se não ponham todos a sonhar com paquetes vasando inglezes nas praias de Cascaes. Isso seria talvez muito bom de ver-se — aliás só até certo ponto — mas os que não teem as mesmas faculdades imaginativas não vêem tão maravilhosamente regeneradas as nossas finanças com mais um ou dois zeros nas casinholas d'uma roleta.

O estrangeiro não só pelo jogo é atrahido; para muitos o jogo é um incidente, um episodio mais ou menos divertido da viagem. Ora o mais que elles procuram, como é que lh'o dariamos? Falamos todos á bocca cheia das bellezas da nossa terra e talvez com razão; mas o homem infelizmente tem estragado tudo quanto a natureza nos deu com prodigalidade. Veja-se o Tejo infamemente sacrificado a conveniencias não se sabe ao

RAUL PEREIRA

AUTOR DA ODYSSEIA DOS TYSICOS

certo de quem, e Cintra e S. João do Estoril, e tudo emfim onde o commum mau criterio artistico nacional tem ousado pôr a mão, ou antes, pôr o pé. Muito, muitissimo haveria que fazer, que requer nos que mettam hombros á empreza faculdades que parece faltarem completamente á gente portugueza, quer no que tem relação com o respeito devido ás bellezas naturaes, quer com o que se refere a commodidades. O mais natural seria capitaes extrangeiros formarem a banca e muitas dezenas de contos sahirem todos os annos pela barra. Succederia em ponto grande o mesmo que vimos ha annos com as salerosas bilharistas. O dinheiro dos pobres caixeiros e empregados publicos tinha um geito enorme para procurar terras de Hespanha.

Se, ao menos, o tributo do vicio viesse acabar com outros tributos! Esse imposto de consumo, por exemplo, que tanta celeuma levantou ainda ha pouco. Ah! fosse a carne mais barata e os charutos mais caros! estivessem ao alcance do pobre os generos de primeira necessidade e puzessem na roleta mais um zero, um triplo zero! Mas ha mais em que pensar do que nos tisicos que por ahi andam arrastando suas miserias, gerando tisicos.

Dias e dias foram nas camaras discutidas as cartas de El-rei e parece-nos que o *mons parturiens*, pela decima millionessima vez, desde que ha politica, entrou farronqueiramente em scena. Era por toda a parte uma anciedade. Lembrei-me até do *Burro do sr. alcaide*, quando o boticario descobre a carta de El-rei no buxo da pescada.

Que diz essa carta
D'um peixe voraz?
Que novas á farta
Nos traz?

Faltou agora a voz da Cinira e a musica do Cyriaco; mas, diga-se a verdade, musica não faltou nem lindas vozes de oradores em rhetoricos commentarios.

Esperava-se qualquer coisa como a renovação do terremoto de 1755, quando apparecesse publicada a carta que exquisitices da sorte tinham feito ir parar a mãos de republicanos, e já o sr. João Franco se dispunha para cuidar dos vivos e enterrar os mortos, quando mais um ratinho sahiu do monte.

A carta é esta:

Meu caro Marianno:

Junto umas pequenas informações que me vieram de fonte fidedigna.

E' preciso acharmos um meio de contrapôr a esta propaganda, uma outra em sentido contrario; uma das primeiras coisas a fazer e não é difficil pelo ministerio da guerra é impedir por completo a entrada dos jornaes republicanos nos quarteis, e com uma pequena vigilancia impede-se tambem as leituras proximo d'elles.

A outra é a questão dos annuncios officiaes; era bom que se tratasse definitivamente esse negocio. Succursaes do Diario nos districtos acabam isso por completo.

Finalmente ha duas emprezas que pedem ajuda do governo e que ambas creio a merecem, uma é o jornal a Monarchia do C. Lisboa, e a outra que me parece verdadeiramente util, é um novo jornal militar, que se começou agora a publicar, e que é bem escripto e em bom sentido, e é destinado a propaganda a favor da ordem e disciplina, parecia-me bom ajudal os quanto possivel fôr, pois hoje que estamos em combate, todas as armas, são, senão bôas pelo menos aproveitaveis.

A'manhã conversaremos a este respeito com mais demora.

Seu am.º mt.º aff.º

El-Rei

E n'estas discussões, se não estereis de todo, com certeza um pouco fóra de occasião, se passaram nas camaras horas que em resolução de tantos problemas de muito maior interesse poderiam ser utilisadas.

Continuam as camaras abertas emquanto fôr preciso, declarou o sr. João Franco. Teremos portanto politica durante todo o inverno, talvez até de primavera e de verão.

E o peor é que para o inverno pouco se annuncia que nos venha distrahir para outro lado as attenções. Não teremos este anno viagens de principes ou de presidentes quebrando a monotonia dos dias. Os rapazes não teem para tão cedo esperanças risonhas de feriados nem os donos de hospedarias vêem, em sonhos lindos, cruzados a reluzirem. As surprezas são, porém, o melhor da vida e sempre anima contar com ellas.

Abre ámanhã o theatro de D. Maria, cuja companhia tem estado no Porto, parece que fazendo muito bons interesses. Só estão por abrir os theatros de D. Amelia e S. Carlos, aquelle já annunciando excellentes artistas estrangeiros que nos visitarão na primavera e este algumas operas novas e artistas de fama.

O inverno, tão desejado dos muitos que se divertem, não tarda ahi. Já umas valentes bategas d'agua vieram interromper o verão de S. Martinho. Os lavradores estão contentes, apesar de terem vendido mal o vinho do anno passado. Os amadores de vinho novo esperam anciosos o S. Martinho. Tenham tambem seu S. Martinho os da politica, e tudo andará satisfeito.

João da Camara.

RAUL PEREIRA

Um grande artista portuguez

A «Odysséa dos tysicos»

Chegou ha pouco tempo a Lisboa vindo da Allemanha, onde concluiu os seus estudos, o distinctissimo violinista e compositor Raul Pereira.

Este illustre artista, que brevemente seguirá para Londres, deixa marcada a visita á sua terra por uma gentilissima offerta a Sua Magestade a Rainha, que ha poucos dias o recebeu em audiencia especial, na cidadella de Cascaes.

A offerta consta de um formosissimo album de musicas para piano e canto, intitulado «*Odysséa dos tysicos*».

O sr. Raul Pereira pôz, assim, em musica descriptiva os sonetos de alguns dos nossos mais notaveis poetas, victimas da tuberculose, e dedicou o seu trabalho á soberana de Portugal, em homenagem de admiração pelas suas virtudes.

O producto total da venda de toda a edição offereceu-o o auctor á *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, onde esse album se encontra á venda.

A *Odysséa dos tysicos* foi executada no theatro Gil Vicente em Cascaes, no concerto promovido pelo illustre pianista Alexandre Rey Colaço em beneficio da sua *Colonia de Verão para Creanças Pobres*.

Cantou os cinco numeros de musica, de que se compõe o album, a distincta cantora sr.ª D. Laura Wake Marques, que pela sua extraordinaria dicção e linda voz, fez realçar as bellesas da musica.

Acompanhou ao piano, a sr.ª D. Laura Wake Marques, o proprio auctor da *Odysséa*.

Antes de se ouvirem as primeiras notas de musica o actor Chaby Pinheiro veiu á bocca de scena e recitou a dedicatoria, explicativa do album, em versos do auctor d'estas linhas e que é a seguinte:

Senhora! alguem vos sente a grande magestade
Quando a noite que desce em sombras deixa a terra
E a triste phantasia acorda uma saudade
Para chorar no lar que negra magua encerra.

Pensando em vós, Senhora, alguem juntou a dôr
Dispersa em cada um dos tysicos perdidos;
Procurou-lhes no peito a mais modesta flôr;
Regou-a com seu pranto... encheu-a de gemidos

E vem trazel-a, assim, a vossos pés, agora,
Com um grande protesto áquelle grande mal,
Como pequeno preito á deslumbrante aurora
Que vosso nome tem no nosso Portugal!

São para vós, Senhora, os cantos dos poetas,
Em ondas de harmonia, a qual a dôr condensa,
Recebei vós, Senhora, essas maguas secretas...
São elles a cantar a propria dôr immensa!

O exito alcançado pela audição da *Odysséa*, foi enorme, tendo-se referido a imprensa com palavras de muito elogio á obra do sr. Raul Pereira.

Inserindo hoje no Occidente o retrato do illustre artista, acompanhamol-o das seguintes notas biographicas.

*
* *

Raul Soares da Silva Pereira conta vinte e um annos de idade e recebeu os primeiros conhecimentos musicaes, muito novo ainda, de sua mãe a sr.ª D. Georgina Gouveia da Silva Pereira, musica distinctissima e discipula dilecta do maestro Emilio Lami. Esta senhora apresentou-se varias vezes, no seu tempo, no palco do Real Theatro de S. Carlos, como pianista, conquistando grandes ovações.

Recebidos os primeiros conhecimentos musicaes, Raul Pereira matriculou-se na Real Academia de Amadores de Musica onde foi discipulo do professor Ernesto Vieira em musica, harmonia e contraponto.

As primeiras lições de violino recebeu-as de D. Alice Dias da Silva, a discipula querida de Victor Hussla e, mais tarde, d'este mesmo professor.

Em seguida estudou com o maestro Goni e finalmente com o illustre pianista Alexandre Rey Colaço, a quem Raul Pereira consagra uma sincera amisade.

Terminados os estudos com Rey Colaço, partiu para a Allemanha, onde se perparou para o concurso de admissão no Conservatorio Imperial de Berlim, estudando durante um anno com o professor de violino Andreas Moser, o celebre auctor da biographia do Livro de Joachim que tanto successo dispertou, biographia que actualmente se encontra traduzida em diversas linguas.

Os estudos de composição fel-os Raul Pereira com Gernsheim, o professor da *Meister Schule.*

No concurso para a admissão no Conservatorio Imperial, que se realisou em principios de 1904, concorreu, com trinta e tres musicos que se propunham, a um dos seis logares vagos.

A *Konigliche Akademische Hochschule fur Musik* tem um numero limitado de alumnos, havendo duas vezes por anno concursos para o preenchimento de vagas. A admissão ali torna-se tanto mais difficil quanto enorme é sempre o numero dos concorrentes e diminuto o numero de vagas. Cada alumno admittido custa ao estado allemão a quantia de quatrocentos e cincoenta marcos por epocha de estudos. A admissão, como bem se comprehende, torna-se muito mais difficil para os estrangeiros do que para os subditos allemães.

Apezar de tudo, n'aquelle meio onde os maiores empenhos não são attendidos, Raul Pereira conseguiu vencer simplesmente á custa do seu grande talento artistico. Entrou e foi dos primeiros a fazer a revelação dos seus extraordinarios meritos.

Um anno depois de Raul Pereira ter frequentado o Conservatorio Imperial, Sua Magestade o Imperador Guilherme organisou um concerto para tocar na inauguração da Cathedral de Berlim, tendo sido convidado para esse effeito, entre outras sumidades artisticas, o grande violinista e veneravel mestre Joachim, que devia executar um andamento do concerto de Bach, para o qual precisou do acompanhamento de um quarteto de corda. Joachim procedeu a uma minuciosa escolha entre os alumnos do Conservatorio Imperial e apontou Raul Pereira como um poderoso elemento. O concerto realisou-se, causando esse numero do programma uma profunda impressão.

Raul Pereira permaneceu no Conservatorio Imperial até principios do anno corrente e ali fez parte activa da esplendida orchestra d'esse grande estabelecimento.

Particularmente, era convidado para as mais artisticas recepções de Berlim. Entre muitas outras citaremos as do celebre compositor Gernsheim; as de madame Gerster, a distincta professora de canto que tão ruidoso successo fez na sua epocha na Opera de Paris; as de Vianna da Motta e as de madame Kirsinger, sogra de Rey Colaço e senhora muito conhecida no grande meio artistico por *la mère des artistes.* A estas ultimas recepções concorre, como é sabido, tudo quanto Berlim possue de artistas notaveis não só na musica como nas outras artes e sciencias.

Na primavera de 1906 foi Raul Pereira para Paris, onde observou a escola franceza tanto de violino como de composição. Ahi foi convidado pela redacção do jornal mundano *Le Figaro*, para tomar parte n'um *five o' clock tea* da proxima epocha de inverno.

Ha poucos dias, segundo nos consta, recebeu um novo convite para tomar parte tambem n'um dos concertos organisados pelos membros do parlamento allemão.

Raul Pereira apresentar-se-ha ao publico de Lisboa, talvez em abril ou maio do proximo anno, n'alguns concertos com o illustre pianista Rey Collaço.

Considerado um *virtuose* no violino, Raul Pereira revela um extraordinario temperamento de compositor, seguindo talvez um pouco a escola de Wagner.

Encontrando-se um dia em Berlim com Hermano Neves, um antigo alumno da nossa Escola Polytechnica e que actualmente está cursando a faculdade de medicina n'uma das universidades

allemãs, assentou em escrever uma opera portugueza, ficando o seu companheiro de escolher o assumpto.

A opera, intitula-se *O Outomno* e, baseada na vida do poeta Antonio Nobre, está quasi concluida.

Segundo opinião pessoal, e nossa convicção, essa opera será um completo triumpho para o seu auctor e uma gloria para a nossa terra.

ARMANDO D'ARAUJO.

A «Leda», quadro de Ticiano

O seu descobridor Dr. Paes Barreto

De um grande acontecimento artistico temos hoje de que nos ocupar nas paginas do OCCIDENTE, qual o do descobrimento da obra prima de Ticiano, o seu quadro *A Leda*, de que se ignorava o paradeiro.

Tal descobrimento tem sido registrado com alvoroço por todo o mundo artistico, pois d'elle se tem ocupado a imprensa de Paris, Londres, Roma, Turim, Milão, Madrid e Barcelona e começa a ser apreciado na imprensa portuguêsa, com o interesse que semelhante acontecimento desperta.

L' Art et les Artistes, *Le Chroniqueur de Paris*, *Le Revue du Bien*, *Le Journal*, *L' Intransigeant*, de Paris; a *Revista*, de Roma; a *Tribuna*, de Barcelona; *La Stampa*, de Turim, e tantos outros jornaes da Europa, em extensos artigos de critica e reprodusindo em gravura o celebre quadro, nas diferentes fases por que passou até á sua completa restauração, teem sido unanimes em tecer levantados elogios ao seu descobridor, sr. dr. Paes Barreto, tanto por seu espirito prespicaz em salvar esta preciosa obra prima do grande mestre venesiano, como pela intelligencia e inergia com que dirigiu a sua restauração vencendo todas as dificuldades que se levantavam ao seu louvavel empreendimento.

E' curiosa a historia do descobrimento d'este quadro, pois foi adquirido pelo sr. dr. Paes Barreto no Pará, em uma agencia de leilões que o recebera de um italiano para venda.

Nem quem o comprou nem quem o vendeu poderiam suspeitar que estaria ali o quadro de um grande pintor, tal era o estado deploravel em que se encontrava, coberto de camadas de tinta e de verniz de varias repinturas, que o tinham enegrecido estando ainda a téla com visiveis signaes de ter sido dobrada e redobrada como que para caber em alguma das antigas patronas que usavam os soldados, onde provavelmente fôra transportado.

A figura mal se conhecia e apenas num ou outro ponto se apreciava um contorno mais distinto atravez de um tom transparente que revelava a finura do pincel do artista.

Uma circumstancia, porém, chamava a atenção do bom entendedor e era a mão da figura, que ainda conservava toda a correção e graça de um bom desenho. Foi este promenor que influio no sr. dr. Paes Barreto para adquirir o quadro, na esperança de que com alguma limpesa melhor se poderia apreciar os contornos da figura.

Efetivamente assim se procedeu e, logo ás primeiras lavagens se poude avaliar as linhas geraes da pintura e se principiou a revelar as côres mais distintas, e fazendo perceber que se estava em frente de um quadro dos bons tempos dos grandes pintores e das tintas inconfundiveis como ha muito deixaram de haver.

Esta primeira limpesa, descobrindo certas qualidades no quadro, não passou indiferente ao fino espirito do sr. dr. Paes Barreto, o qual mais cautelosamente confiou a obra ao pintor restaurador D. Francisco da Silva y Estrada, do Pará, para este artista proceder a outra limpesa mais homogenea, a qué elle proprio assistiu, podendo então melhor avaliar da pintura e reconhecer um quadro de mestre que suspeitou ser, pelo assunto, *A Leda* de Ticiano.

Nestas condições fez transportar, em janeiro de 1905, o quadro para Paris, recommendado aos cuidados do notavel restaurador dos *Museés Nationaux* François Touret e ao celebre pintor René de Waele, restaurador dos quadros do bey do Egypto, para estes conscienciosos e habeis artistas procederem á completa restauração deste thesouro artistico, cujo veu secular que o havia encoberto, o sr. dr. Paes Barreto tivera a fortuna de levantar em parte.

Um anno consumiram aquelles artistas no dificil e melindroso trabalho da restauração, procedendo cautelosamente ao levantamento das successivas camadas de tinta e de verniz que escondiam a primitiva pintura, empregando para esse fim os processos mais modernos e valendose da sua pericia e grande pratica para o conseguir com bom resultado.

A' medida que iam despindo a téla das successivas camadas de tinta que a empastavam, foram dia a dia adquerindo a confiança no seu trabalho até chegar á certesa de que estava ali a obra prima de Ticiano, o pintor por excellencia que melhor soube transportar á téla a plastica femenina com toda a belesa, suavidade e perfume das suas formas, de que o quadro de *Leda* é o mais preconisado.

O sr. dr. Paes Barreto assistiu em Paris aos ultimos trabalhos de restauração do quadro de Ticiano, e poude vêr as suas suspeitas plenamente confirmadas com o consenso unanime de artistas e criticos notaveis, como Emile Bourdelle e o eminente Auguste Rodin, cuja opinião é concorde em reconhecer n'este quadro todos os segredos da paleta do grande mestre da escola venesiana, o sublime Ticiano.

Quando outros criticos autorisados o não afirmassem bastaria a opinião de Rodin para destruir qualquer duvida que pudesse restar de que a obra prima de Ticiano tinha sido restituida ao mundo da arte, donde andava sequestrada, perdida.

A gravura que hoje temos a satisfação de apresentar a nossos leitores, representa o celebre quadro na sua primitiva pintura, como elle sahiu das mãos do autor, e se isto constitue uma gloria para os habeis artistas François Touret e René de Waele, não o é menos para o seu possuidor, pela força de vontade com que procurou os meios de conseguir o seu fim, a despeito de consideraveis sommas dispendidas, como é facil de calcular.

Só um espirito superiormente educado e amante da arte a tanto se abalançaria, nas condições em que o quadro em questão foi parar ás mãos do sr. dr. Fernando de Castro Paes Barreto.

De facto o sr. dr. Paes Barreto é um desses espiritos que tem a compreensão do bello, o amor da arte em todas as suas manifestações.

Sendo formado em direito e um dos mais distintos jurisconsultos do fôro brasileiro, a aridez e prosaismo dos codigos e das leis não o absorveram de modo que em sua alma se apagasse o culto da arte, e é assim que, a par dos encargos da sua nobre profissão, cultiva como amador as bellas artes, juntando ainda o ser um bibliofilo emérito, investigador da historia, de que, na sua passagem por Lisboa, em maio deste anno, andou rebuscando nos archivos da Torre do Tombo e na Bibliotheca Publica, documentos para a historia do Pará.

Jornalista e publicista distinto, temos presente um livro seu, impresso em Paris em esmerada edição pelos livreiros editores V. Giard & E. Briere, intitulado *A Abolição e a Federação no Brazil*. Neste bello volume reeditou o sr. dr. Paes Barreto duas series de artigos publicados nos jornaes de Pernambuco em 1884 e 1890, artigos de propaganda em favor da abolição da escravatura e da federação do Brasil, sob o pseudonimo de *Glalstone*, campanha gloriosa que sustentou, no momento em que mais acesa se travava a luta da escravidão e da centralisação, de que dependiam os destinos daquelle grande país.

Na primeira serie de artigos sobre a abolição da escravatura, avalia-se bem o polemista vigoroso em luta com o seu contendor, que sob o pseudonimo de *Mario*, deixou fama no jornalismo pernambucano.

Na segunda serie relativa á federação do Brasil, o sr. dr. Paes Barreto defende com bem fundados argumentos e estudo a descentralisação como o melhor meio do desenvolvimento e vida dos Estados da grande Republica.

Assim se encarnam no sr. dr. Paes Barreto as duplas qualidades do homem de espirito e do homem de coração, amando a arte, e amando a liberdade, condoendo-se dos opremidos e por elles combatendo a toda a luz da imprensa e da tribuna, para lavar a sua patria d'essa nodoa que manchava o sol doirado, que hoje, felizmente, a illumina com todo o seu brilho.

E' este o descobridor do quadro *A Leda* de Ticiano, e cujo retrato infileiramos com prazer na vasta galeria do OCCIDENTE como justa homenagem ao merito de um distinto cidadão da grande Republica, d'esse esplendido país a que nos prendem laços de fraternal amisade e simpatia.

CAETANO ALBERTO.

A collocação da lapide na casa onde nasceu Eça de Queiroz, na Povoa de Varzim

No mesmo dia em que por todo o país desponta va uma nova aurora para instrução em Portugal, significada na festa das escolas, que se estendeu das cidades até ás aldeias, no domingo 14 do corrente, outra festa não menos significativa para o progresso moral da nossa terra se celebrava na Povoa de Varzim, glorificando um dos seus filhos mais illustres, e de que ella mais tem de orgulhar-se: Eça de Queiroz.

N'aquella povoação maritima, que o Oceano tantas vezes tem coberto de luto, tragando em seus abismos, tantos de seus filhos que ao mar vão buscar o pão de cada dia, tambem chegou uma hora de regosijo publico, de glorificação, honrando-se e honrando a memoria de um seu conterraneo, de um grande espirito, que brilhou na literatura patria, em paginas cintilantes desenhando a traços bem firmes, bem expresivos a sociedade em que se encontrou, em que viveu, com todos os seus defeitos e qualidades.

Nem só de pão vive o homem, e por isso a arte tem o seu culto, porque é ella a grande civilisadora dos povos, porque é ella que perpetua a memoria das gerações, das nacionalidades, por onde se afere o valor das civilisações que passaram, e marca, a par da ciencia, o grau de progresso em que as sociedades se encontram no momento historica que estamos atravessando.

Tem o seu culto, dissemos, e outra coisa não é as desmonstrações a que estamos assistindo em cada dia, glorificando aquelles que mais concorrem para enriquecer e afirmar a vitalidade dos povos.

Eça de Queiroz contribuiu com um bom peculio para essa riquesa espiritual, que vive para além dos tempos; são justas as homenagens que se lhe prestam.

Hontem em Lisboa, levantando-se-lhe um monomento, que vale mais pelo delicado sentimento artistico que envolve do que pela sumptuosidade da fabrica. Hoje é uma lapide commemorativa que se lhe colloca na casa onde elle nasceu.

Bem procederam os que nesta commemoração poseram seu empenho.

Foram ainda nossos irmãos de além mar, que nas terras de Santa Cruz não esquecem as glorias da patria, que vieram concorrer com seus donativos cooperando com a commissão para levar a effeito seu intento.

Essa commissão presidida pelo sr. dr. Antonio Luiz Gomes, desempenhou-se briosamente do seu proposito. A collocação da lapide na casa onde nasceu Eça de Queiroz, foi um acto de grande imponencia a que se associou de vontade toda a população da Povoa de Varzim, tendo á sua frente a camara municipal, como boa intreprete do sentimento popular e patriotico.

A casa onde nasceu Eça de Queiroz, é situada no largo que tem o nome do romancista e n'ella está estabelecido ao presente o Collegio dos Inglesinhos. As janellas desta casa estavam lindamente decoradas com ricas colchas de seda, palmas e festões de flores, e o cunhal onde foi assente a lapide, todo afestoado, estando esta circundada com uma grande coroa de louros.

Na frente da casa, levantou-se um pavilhão, lindamente decorado, para a assignatura do auto, e ao lado deste pavilhão collocaram-se dois grandes estrados para os convidados.

Pouco depois do meio dia para ali se dirigiu um cortejo civico, que sahiu dos Paços do Concelho, levando á frente a banda dos Bombeiros Voluntarios do Porto, e encorporando-se n'elle os vereadores da Camara, as autoridades administrativas e judiciaes, dr. Rocha Peixoto, diretor do Museu Municipal do Porto, visconde de Paços de Nespereira, commandante da guarda fiscal, um representante da casa editora Lello & Irmão, representantes da imprensa da Povoa de Varzim e do Porto, varias corporações do commercio, associações, clubs, commissão promotora da festa, filarmonicas etc.

Com os membros da camara municipal encorporou-se o sr. José Maria Eça de Queiroz, filho do grande romancista, e que está cursando a universidade de Coimbra.

O sr. dr. Antonio Rodrigues da Costa Silveira, presidente do municipio, descerrou a lapide. Foi tocante a ceremonia. Toda a numerosa assistencia irrompeu em calorosa salva de palmas, levantando-se vivas á patria de Eça de Queiroz, emquanto as bandas de musica executavam o

A collocação da lapide na casa onde nasceu Eça de Queiroz, na Povoa de Varzim

Pavilhão armado em frente da casa onde nasceu Eça de Queiroz, para a assinatura do auto

A casa onde nasceu Eça de Queiroz, na occasião de ser descerrada a lapide

A lapide collocada na casa onde nasceu Eça de Queiroz na Povoa de Varzim

A lapide commemorativa do nascimento de Eça de Queiroz, modelada pelo esculptor Teixeira Lopes

(Clichés do sr. Antonio Lopes Pereira)

himno nacional e subiam ao ar girandolas de foguetes.

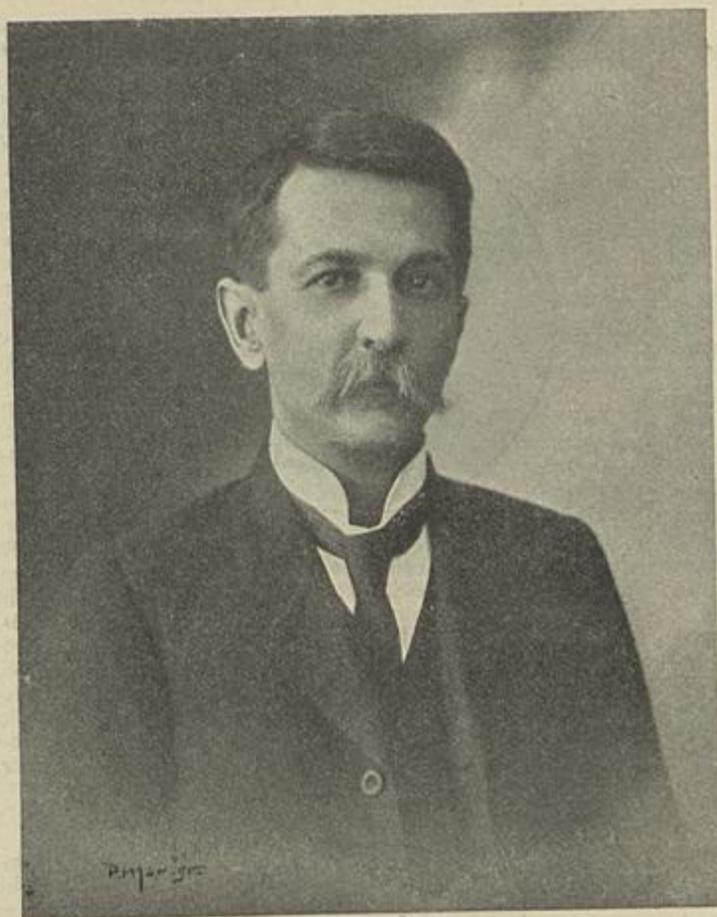
No meio desse entusiasmo o sr. dr. Caetano d'Oliveira, membro da commissão executiva e delegado dos portuguêses residentes no Brasil, promotores da manifestação á memoria de Eça de Queiroz, discursou fazendo o elogio do glorioso romancista, terminando por se dirigir ás creanças, que tinham chegado da festa escolar, indicando-lhes a figura do inolvidavel escritor e patriota, o qual, um dia, falando com Pinheiro Chagas, lhe afirmara ser apenas um *pobre homem da Povoa*.

Discursou depois o sr. dr. Costa Silveira, como presidente da Camara, que, aludindo á lapide, terminou dizendo que o municipio havia de saber conservar amorosamente aquella reliquia.

Por fim o sr. dr. Eduardo Pimenta faz o elogio de Eça de Queiroz, analisando rapidamente a sua obra, que classifica de um escritor bem português e patriota, inaltecendo principalmente aquelles diliciosos livros *Cidades e Serras* e a *Casa Ramires*.

Terminados os discursos procedeu-se á leitura e assignatura do auto escrito pelo sr. dr. Castro Alves, secretario da camara e que é como segue:

AUTO DA COLLOCAÇÃO DA LAPIDE NA CASA ONDE NASCEU EÇA DE QUEIROZ

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e seis, aos quatorze de outubro, n'esta villa da Povoa de Varzim e largo Eça de Queiroz, onde, a convite do presidente da camara municipal, dr. Antonio Rodrigues da Costa Silveira, se achavam reunidos os vereadores, auctoridades, corporações e cavalheiros, no fim assignados commigo, secretario da mesma camara, para o fim de se proceder á inauguração solemne da lapide commemorativa affixada na casa onde nasceu o eximio escriptor portuguez José Maria Eça de Queiroz. A lapide uma notavel obra de arte, foi feita á custa de conterraneos nossos, residentes nos Estados-Unidos do Brazil e alta cooperação e generoso concurso do grande esculptor Antonio Teixeira Lopes, do illustre architecto José Teixeira Lopes, do distincto artista Adelino Lemos, todos de Villa Nova de Gaya; e ainda do nosso illustre patricio Antonio Augusto da Rocha Peixoto, zelosissimo director do Museu Municipal do Porto.

Nasceu Eça de Queiroz na casa numeros um a tres do largo do seu nome, no dia vinte e cinco de novembro de mil oitocentos e quarenta e cinco; formando-se em Coimbra na faculdade de direito em mil oitocentos e sessenta e seis, e, seguindo a carreira diplomatica, exerceu o cargo de consul portuguez em Havana, Newcastle e Paris, onde morreu, em Neuilly, a 17 de agosto de mil novecentos. Reunidos todos os convidados, com grande concurso de povo, em frente á casa onde nasceu o insigne homem de lettras, pelo presidente da camara foi, pelas doze horas da manhã, descerrada a lapide commemorativa d'este facto. A lapide é de bronze fundido e encimada por uma copia, em miniatura, do monumento que em Lisboa foi erigido ao illustre romancista e contém a seguinte inscripção:— *A Eça de Queiroz, 1845–1900, homenagem de portuguezes residentes no Brazil.*

Em seguida, o doutor Caetano Marques de Oliveira, em nome dos que concorreram e collaboraram na realisação d'esta lapide a offereceu á camara municipal na pessoa do seu presidente, fazendo acompanhar o donativo de palavras honrosas para os offerentes.

A seu turno o presidente da camara agradece a lapide consagrada ao grande escriptor e, fazendo o elogio d'este, patenteia o seu reconhecimento em nome da camara que representa, a todos os que concorreram a abrilhantar esta patriotica manifestação. Por fim o sr. dr. Eduardo Pimenta fez um caloroso elogio do glorioso escriptor portuguez.

DR. FERNANDO DE CASTRO PAES BARRETO

A «LEDA» DE TICIANO

Cincoentanario dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Passou no dia 28 do corrente o 50.º anniversario da inauguração dos Caminhos de Ferro em Portugal.

Na imprensa diaria solemnisou-se esta data, mas nem as estancias officiaes nem as corporações que deveriam celebral o o fizeram, parecendo que transferiram essas demonstrações para quando se perfizer o centenario.

Foi mais commodo e estão livres de cuidados pelo meio seculo que ainda falta.

Bem ponderada toda a significação do estabelecimento dos Caminhos de Ferro em Portugal, devia suggerir interessantissimas considerações. Desde logo as terras atravessadas por aquelle poderoso agente de progresso se transformaram na sua physionomia, nos seus custumes e na sua economia.

Com o estreitamento das communicações as relações das differentes terras do paiz fôram mais intimas e desappareceram as distancias.

Todavia, até ha pouco, nem todas as capitaes de districto lograram ser servidas pelo caminho de ferro.

Durante cincoenta annos o desenvolvimento em Portugal da viação accelerada foi bem de vagar.

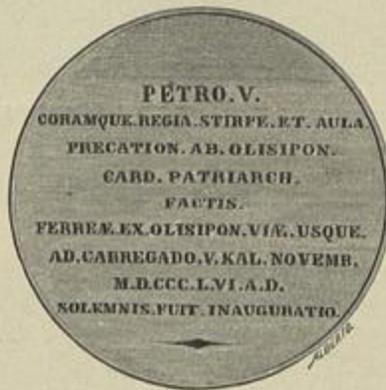
Por isso a commemoração não seria muito edificante. Mas os factos e as datas registam-se sempre.

E o que o OCCIDENTE faz, relembrando a solemnidade e pompa com que se celebrou a inauguração do nosso primeiro caminho de ferro. No *Diario do Governo* de 25 de outubro de 1856 está publicado o programma da cerimonia, o qual foi rigorosamente cumprido no dia marcado, 28 de outubro. Em 29, dia seguinte e anniversario natalicio de el-rei D. Fernando, foi o primeiro caminho de ferro aberto ao publico.

Reproduziremos aqui algumas linhas da historia ferro-viaria em Portugal.

Ainda em 1851 o lente da Escola Polytechnica coronel graduado de engenharia Albino Francisco de Figueiredo e Almeida escrevia no seu livro *Vias de communicação*: «Todos se acham impacientes de vêr o paiz dotado de *alguma* linha de caminho de ferro; porque ninguem ha a quem não pareça indecoroso este somno lethargico em que temos vivido.» Porém sómente em 1853 teve logar em Portugal a primeira concessão de caminhos de ferro. E, todavia, fôram os portuguezes dos primeiros a empregar este systema de tracção. Desde o seculo XVIII que na ilha do Sal, archipelago de Cabo Verde, as salinas estavam ligadas ao porto por meio de um *rail road*. Lobo de Bulhões no seu livro *Les colonies portugaises*, Lisboa, em 1878, descreve assim essa especie de caminho de ferro: Carros munidos de vélas convenientemente adaptadas transportam o sal por um caminho ligeiramente inclinado e chegam até ao porto; d'ahi voltam para a grande salina puxados por burros. O primeiro caminho de ferro que houve na Europa foi na Inglaterra, em 1821. Em Portugal a construcção das vias ferreas, soffrendo, a principio algumas contrariedades, adquiriu o seu maior desenvolvimento de 1859 a 1865, diminuindo depois consideravelmente até se paralysar de todo em 1868, para só em 1873 se reanimar continuando-se a construcção da rede dos caminhos de ferro projectados. Em 1887-1888, 1890-1893 e 1903-1906 tomaram novo incremento as construcções dos caminhos de ferro. Em 6 de maio de 1852 foi assignado por D. Maria II um Decreto abrindo concurso para a construcção de um caminho de ferro de Lisboa a Santarem, em direcção á fronteira de Hespanha. Referendavam o decreto Rodrigues da Fonseca Magalhães e Fontes Pereira de Mello. A concessão foi feita a um dos tres concorrentes que appareceram, Hardy Hislop, representante da *Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro de Portugal*, declarando o governo que subscrevia com um terço do capital (1:200 contos). Em maio de 1853 assignou-se o respectivo contrato difinitivo, tendo-se em setembro constituido a companhia. Foi dada a empreitada a Waring, Brothers and Shaw, que, por 3:501 contos, se obrigaram a dar a via prompta até Santarem, com todo o material circulante e linha telegraphica paralella, e começaram os trabalhos de construcção em 7 de maio de 1853, no sitio do Beato, sendo aberta ao publico a primeira secção da via, de Lisboa ao Carregado, em 29 de outubro de 1856, tendo já então a companhia rescindido o contrato com os empreiteiros e tratando de construir a linha por administração propria. Por essa occasião se cunhou a medalha commemorativa, cuja gravura reproduzimos. Em consequencia da morosidade

dos trabalhos, Carlos Bento da Silva apresentou ás côrtes em 14 de abril de 1857, um projecto de lei approvando o contrato feito com sir Marton Petto, para a construcção de uma linha ferrea de Lisboa ao Porto, rescindindo-se o contrato com a Companhia Peninsular. O contrato foi approvado e a rescisão decretada, sendo encarregado João Chrysostomo de Abreu e Sousa da direcção dos novos trabalhos e inaugurando-se em 31 de agosto uma segunda secção, do Carregado ás Virtudes.

PETRO.V.
CORAMQUE.REGIA.STIRPE.ET.AULA
PRECATION.AB.OLISIPON.
CARD.PATRIARCH.
FACTIS.
FERREÆ.EX.OLISIPON.VIÆ.USQUE.
AD.CARREGADO.V.KAL.NOVEMB.
M.D.CCC.L.VI.A.D.
SOLEMNIS.FUIT.INAUGURATIO.

Como Petto não pôde organisar companhia, foi-lhe rescindindo o contrato, em 6 de junho de 1859, contratando então Antonio de Serpa com D. José Salamanca a conclusão da linha de Badajoz e a construcção de uma outra para o Porto, contrato que em 12 de setembro se tornou difinitivo por não ter apparecido qualquer outro concorrente ao concurso aberto para esse emprehendimento. Foi D. José Salamanca que organisou a *Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes*, e a linha até ao Porto foi inaugurada em 7 de julho de 1864. Da linha do Sul e Sueste foi concedida primitivamente a uma companhia de capitalistas portuguezes a construcção da linha do Barreiro ás Vendas Novas, e o ramal de Setubal, linhas que, depois de construidas, fôram adquiridas pelo Estado pelo preço de 939:000$000 réis. Em 1860 contratou-se a construcção do caminho do Sueste de Vendas Novas a Beja e ramal de Evora, abrindo-se á circulação em 1863. Pouco depois começou tambem esta linha a ser administrada por conta do Estado como hoje se encontra.

Vê-se pois, bem, que o inicio de tantos esforços não é uma data indifferente e bem merece ficar registrada, com os mais ardentes votos de que no centenario os progressos e commodidades da nossa viação accelerada prestem ao paiz os bons serviços que é licito esperar.

E. P.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

II

(Continuado do numero antecedente)

Os dias seguintes ao do terremoto foram de continuo susto. Ninguem se atrevia a dormir debaixo de telha, e os arredores da cidade estavam transformados em verdadeiros acampamentos a cada passo sobresaltados pelo receio de novos tremores, ou dos assaltos frequentes de facinoras e ladrões que tinham fugido das enxovias, e que roubavam e saqueavam as habitações sem temor nem respeito por tamanho desastre.

Quasi todos os habitantes que tinham parentes ou amigos fóra de Lisbôa, fôram acolher-se á sua hospitalidade, transportando em cavalgaduras, em vehiculos de toda a especie, aos proprios hombros até, os objectos mais preciosos e mais necessarios.

Estas caravanas, curiosas pela diversidade de aspectos, eram ao mesmo tempo de uma angustia inenarravel. Durante muitos dias cruzaram ellas os arredores da capital em direcções differentes e quantas não chegaram ao seu destino, trucidadas e roubadas pelos ladrões e salteadores que foragidos da cidade, onde a fôrca puzera um dique ás suas proezas, as andavam espreitando e seguindo pelos caminhos! Que preciosas noticias não forneceriam sobre este exodo das familias lisboetas papeis de familia acantoados ahi por casas particulares! Da sua, sabe o auctor alguma coisa. Dos documentos em poder dos seus, colige-se que foi tormentosissima a fuga até Santarem, onde parentes os receberam e alojaram, extenuados de fadiga e atemorisados pelo receio da repetição do desastre.

Se se publicassem meia duzia de memorias sobre o assumpto, teriamos sem duvida um bello subsidio para a historia do cataclismo, mas em Portugal, coisa rara é, muito para lamentar, essa publicação. Em França todos escrevem as suas memorias, mesmo os iletrados, e estas não são, talvez, as menos interessantes.

*

Os conventos abriram as suas clausuras para receber os feridos e os necessitados. A familia real em Belem e em Palhavã asilou tambem os desamparados e deu-lhes de comer e de vestir. Foi grande a desgraça, é certo, mas nunca os lenitivos e os remedios foram mais promptos e mais efficazes.

O grande Marquês que tudo via, que tudo previa e a quem nada escapava, soube dar immediatas e acertadas providencias. Que o diga o livro de Amador Patricio.

Aquelle livro lê-se, e pasma-se de tanta previsão e de tanto acerto. Percorrem-se aquellas paginas, onde o tacto administrativo do primeiro ministro transparece a cada medida, e a gente não sabe mais o que hade admirar, se a inteireza e a justeza da lei, se a espantosa facilidade com que foi posta em pratica naquelles agitados e desordenados dias.

Uma das primeiras medidas de Pombal foi a vinda para a côrte de alguns regimentos da provincia, afim de policiar a cidade e salvaguardar os indefezos habitantes da pilhagem e do assassinio, proezas frequentissimas naquelles dias, e como complemento desta a construção de seis fôrcas, onde os malfeitores eram executados depois de processo summario. Uma dellas por sinal foi na Cotovia, onde hoje viceja a risonha praça do Principe Real.

Os senhorios, querendo aproveitar-se da dificil occasião, faziam aforamentos e arrendamentos escandalosos; os operarios pediam salarios exigentes; os negociantes augmentaram desaforadamente os preços dos generos, e emquanto assim procediam o Marquês de Pombal entretinha-se a assinar uma lei anulando todos os arrendamentos feitos depois do desastre, e obrigando os operarios e os mercadores a não alterar os salarios e a não modificar os preços.

Lisbôa que estava ameaçada da fome e da penuria, graças a esta sabia medida, viveu em relativa abastança, ao passo que livres de peias e formalidades officiaes, navios de trigo e de centeio entravam o Tejo e descarregavam continuamente nos caes os generos que os abarrotavam, fornecendo o alimento necessario aos desditosos lisboetas.

Os mortos enterraram-se e era impossivel cuidar melhor dos vivos. A celebre frase coeva, que erradamente se tem attribuido a Pombal, não foi só uma frase, como tantas outras, foi um facto.

*

O auctor (parece que espanhol de nação) de um livro impresso em Madrid em 1763, intitulado *Prophecias Politicas*, diz acertadamente: *Talvez não tenha havido desde a creação do mundo, digamos assim, desgraça mais feliz.* (1)

Effectivamente, mais uma vez parece ter cabimento o velho dito português: Ha males que vem por bem. Se não fôra o terremoto, Lisboa não

(1) Copia Mss. do dito livro incluida no Codice Mss. B-9-55 da Bibliotheca Nacional — Fol. 201.

seria hoje a cidade que é, e ainda teriamos em vez da baixa, hoje já antiquada, mas que no seu tempo foi um progresso consideravel, as ruelas antigas, tortuosas e infectas que se encruzilhavam entre o Terreiro do Paço e o Rocio.

Se não fôra o terremoto, Lisboa não trasbordaria pelos seus suburbios do Rato, da Cotovia, da Estrella e de Buenos-Aires com aquella rapidez vertiginosa com que então os semeou de edificações, e era possivel que ainda hoje sahindo das principaes arterias daquelles bairros topassemos, a cada passo, com olivêdos ou terras de semeadura.

O autor das *Prophecias Politicas* disse um absurdo que foi uma grande verdade: Não podia succeder a Lisboa desgraça mais feliz!

A cidade que até ahi tinha uma quasi imperceptivel tendencia de expansão, foi forçada brutalmente a alargar-se para fora do seu antigo circuito. Como os pontos altos fossem os mais poupados no primeiro de novembro, e principalmente as eminencias que ao poente dominavam a cidade, foi ali que os assustados habitantes de Lisboa se estabeleceram em barracas improvisadas de lona e de madeira, que indo, pouco a pouco, tomando consistencia e perdendo o seu caracter provisorio, se transformaram em verdadeiras habitações.

Por todos os logares elevados se começaram a edificar casas. Os telheiros que pejavam o Rato e a Cotovia e os barracões de madeira que abundavam na cidade, eram demolidos e em vez delles erguiam-se predios. A tanto foi a furia de edificar, que por lei de 3 de dezembro daquelle anno se ordenou que não se construisse fórz dos novos limites da cidade sem previa licença especial. Esses limites que permaneceram até nossos dias, eram as portas de Alcantara, Arco do Carvalhão, Campolide, S. Sebastião da Pedreira, Santa Barbara, Cruz dos Quatro Caminhos e Santa Apolonia. (1)

Para se vêr quão grande foi a influencia do terremoto no alargamento e desenvolvimento da capital, basta dizer-se que seis mezes decorridos depois do primeiro de novembro se construiram cêrca de nove mil barracas, e que só a freguesia de Santa Izabel albergou no seu circuito mais de seis mil pessoas. (2)

Passado um anno achavam-se de pé mil propriedades de casas (3). E' que Lisboa, á voz potente do Marquês de Pombal, renascia como por encanto das suas ruinas, e ataviava das gálas de momento as suas ruas e as suas praças, alinhando-as pelos escombros, bordando-as de novos predios e chamando a si os espavoridos habitantes refugiados pelos arredores, novamente risonha e hospitaleira.

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

(1) Providencias sobre o terramoto — por Amador Patricio.
(2) Corografia Mss. do P.e Luis Cardoso — freguesia de Santa Isabel.
(3) Jacome Ratton — Recordações, cap. 13.

Um marido de seis mulheres

Nas penumbras da lenda, se perde a origem da soberba Albion. O famigerado rei Arthur, tão celebrado nos romances da Tavola redonda, é essa figura sympathica e valente que, nivelando-se com Carlos Magno e com Cid o campeador, cria, em volta de si, uma atmosphera de admirações e enthusiasmos, que o enaltecem e divinisam.

E' objecto de um culto que se não desmente, pelo contrario, se affirma nas paginas armoricas, no sentir de um espirito cavalheiroso, como foi a alma bretã.

Com as hostes aguerridas deste legendario principe tiveram que pelejar os saxonios para assentar os seus dominios nessa vasta ilha do Mar do Norte, hoje séde da monarchia inglêsa, fundada por Egberto o Grande. Essa lucta foi tremenda e só no fim de seculo e meio pôde triumphar da resistencia tenacissima do bretão, o furor indomito do anglo-saxonio.

Nas costas da França, se refugiou a desventurada phalange dos vencidos, ainda hoje, carpindo as suas maguas e, como o filho de Israel, acalentando a esperança da vinda do seu Messias, do immortal Arthur, que lhes restituirá o seu perdido imperio. Na famosa insula, theatro de bellicos feitos, se fixou a ditosa horda dos vencedores que, n'uma vida laboriosissima de seculos, em que a intelligencia e a vontade, a tactica e a força se estreitam em utilissimo amplexo, tem estendido o seu imperio, atravez dos mares, aos confins do globo, contemplando, com singular orgulho, as ondulações da sua bandeira em todas as regiões da terra.

De facto, a Inglaterra póde, hoje, considerar-se a primeira nação do mundo.

Finissima politica, superior espirito d'absorpção, vontade inquebrantavel, inexcediveis faculdades de trabalho, têm-lhe dado uma primazia, incontestavel e que se define com a maior nitidez tanto na diplomacia como no campo d'acção.

Honra lhe seja e, embora, o seu espirito egoista, por vezes, nos repugne, não podemos deixar de admirar, na grande monarchia inglêsa, os excellentes serviços que tem prestado á causa da civilisação e do progresso.

O seu commercio e as suas industrias, a sua exploração e colonisações, falam eloquentemente e impõem-se a todo o espirito imparcial.

E, se na esphera da acção e da vida pratica, o inglês tem logar distincto, não o terá menos no campo da intellectualidade. Em litteratura e sciencia, a historia regista os nomes gloriosissimos de Shakspeare, o grande tragico; Milton, o immortal auctor do *Paraiso perdido;* Bacon, Hobbes, e Loke, eminentes philosophos; Byron e Walter Scoot, os celebres fundadores da escola romantica e outros, que, em diversas especialidades, deram a conhecer erudição e talento.

Entre os soberanos britannicos, destaca-se, na dynastia dos Tudors, o celebre *Barba-Azul*, o excentrico Henrique VIII, que, com as suas proezas matrimoniaes, cahiu no conhecimento geral, desde a esphera grave da historia, até os dominios jocosos da opereta de Offenbach, peça de velho reportorio em que os nossos inolvidaveis artistas Isidoro e Anna Pereira colheram fartos e merecidos applausos.

«Sou o Barba-Azul, olé
Ser viuvo é meu filé»

Precedido de Egberto, unificador da heptarchia anglo-saxonica; de Alfredo, o grande iniciador do commercio e poder maritimo inglês; de Guilherme, o formidavel conquistador; de Ricardo Coração de Leão, o apostolo das cruzadas; de João Sem Terra, o promulgador da Magna Carta; de Henrique II, o dominador da Irlanda; de Eduardo III, o protector das industrias; Henrique VIII, subiu ao throno em 1509.

O seu reinado distingue-se por successos notabilissimos de caracter politico, religioso e moral.

Esse homem singular que, tendo a seu lado o eminente estadista, cardeal Wolsey, tanto contribuiu, a principio, para o engrandecimento da sua patria, victima de vis paixões, converteu-se n'um ente abjecto e criminoso, n'um despota terrivel e sanguinario.

Loucos impulsos d'um sensualismo impetuoso que não soube refrear arrastaram-no a produzir os maiores abalos na sociedade inglêsa, proclamando-se abertamente hostil á Egreja e impôndo a sua caprichosa auctoridade e avariada orientação aos principios estabelecidos.

Desventurados os povos que têm, por simples direito de hiriditariedade, um chefe em que o desequilibrio mental ou a paixão insensata predomina, soffrerão necessariamente os desmandos d'um allucinado que, senhor de amplos poderes, será o ente mais perigoso das sociedades.

Preseguições terriveis, confiscação de bens, violação de casas religiosas, profanação de templos, sentenças de morte injustissimas, escandalos monstruosos, eis o quadro tetrico e sombrio do reinado d'esse homem de execranda memoria, cujo moral só é comparado aos tyrannos purpurados de Roma, a esse flagello da humanidade, dignos do eterno anathema dos seculos.

Não sendo nosso proposito estudar a triste personalidade de Henrique VIII, sob o ponto de vista politico, nem tão pouco sob o aspecto social, encaremo-la, apenas, sob a feição moral, intima, ponto este, em que o celebre autocrata mais particularmente se singularisou.

E', na realidade, digno de um momento de attenção o procedimento *sui generis* desse voluvel marido de seis mulheres que pagaram carissimo a sua condescencia ou céga ambição, unindo-se a esse homem sensual e sanguinario que, com o maior desplante, se convertia de marido amoroso em algoz implacavel.

A primeira victima do monstro coroado foi Catharina d'Aragão, filha dos reis catholicos de Hespanha e viuva do principe de Galles, Arthur, primogenito de Henrique VII de Inglaterra e, portanto, cunhada do nosso heroe.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.

NECROLOGIA

ADELAIDE RISTORI

Acaba de desapparecer para todo o sempre do mundo sublunar, a eminente tragica italiana Adelaide Ristori, que, havia 26 annos, desapparecera do mundo scenico, onde arrebatára as multidões com o seu grande talento.

O passamento de Ristori deu-se em Roma, no seu palacio da rua Magnapoli, a 9 de outubro corrente, contando a bonita edade de 85 annos, pois nascera em Cividale, no anno de 1821.

Filha de actores modestos, com seus paes entrou pela primeira vez em scena tendo apenas 4 annos, alcançando o primeiro exito aos 14, na *Francesca de Rimini.* Seguindo os conselhos da genial actriz Carlota Marchioni, foi progredindo de peça para peça, com tal notoriedade e causando tão grande successo, que a breve trecho era considerada artista notavel.

Em 1847, o marquez Capranica del Grillo, rendido pela peregrina belleza physica e incomparavel talento de Ristori, offereceu-lhe a mão de esposo, que ella acceitou obrigando-se a deixar o palco, com a expressa declaração de ser para sempre.

Pouco tempo depois, porém, tendo tomado parte obsequiosamente n'uma recita a beneficio d'um seu antigo emprezario, que estava a braços com a miseria e prestes a ser preso por dividas, enthusiasmou-se tanto com a monumental ovação, que o publico lhe dispensou, que resolveu continuar a carreira theatral.

Desde então os seus triumphos no proscenio foram ininterruptos, fazendo-se applaudir, não só nas differentes cidades da Italia, mas tambem nas principaes da Europa.

Em Paris recebeu as mais sinceras e eloquentes homenagens de Victor Hugo, Alexandre Dumas e Lamartine, chegando a *Comédie* a propor-lhe escriptura, pois Adelaide Ristori falava francez como uma verdadeira parisiense.

Em Lisboa, estreiou-se a 15 de outubro de 1859 no theatro de S. Carlos, na tragedia *Medéa*, causando assombro a magnifica interpretação que dava a esta peça e á *Maria Stuart, Judith, Phedra, Francesca de Rimini, Isabel, rainha de Inglaterra, Myrrha, Adriana Lecouvreur* e *Maria Antonietta*, em que ainda não foi egualada, segundo as mais auctorisadas opiniões.

Castilho e Ernesto Biester, dois dos nossos melhores escriptores dramaticos, dirigiram-lhe nos jornaes da epoca, os mais calorosos encomios pondo em relevo o pujante talento de Ristori.

Seguindo para o Porto em fevereiro de 1860, a sublime artista italiana teve ensejo de ver representar a nossa grande Emilia das Neves, e, enthusiasmando-se com o seu trabalho applaudiu-a freneticamente, indo cumprimental-a ao camarim.

Passados dias, quando Ristori, após a representação do *Machbet*, agradecia os delirantes applausos de que era alvo, appareceu no palco Emilia das Neves offerecendo-lhe uma corôa de louro. Ristori, muito commovida, abraçou e beijou fraternalmente a sua illustre collega, recebendo ambas uma das maiores ovações que se teem feito em theatros portuguezes.

A arte não tem patria, e bem o demonstrou a fallecida actriz despertando o mais vivo enthusiasmo em toda a parte onde se exhibiu.

Em Amsterdam por exemplo, tocou elle as raias de loucura, pois que findo o espectaculo de despedida, transportaram Ristori em triumpho pelas ruas da cidade n'uma luxuosa carruagem, conzida pela multidão dos seus admiradores, que disputavam entre si a honra de agarrar os varaes e com tal ancia, com tal precipitação, que alguns eram atropelados.

As suas excursões pelo Egypto e America do Norte foram tambem coroadas do melhor exito.

Em 1878, tendo 57 annos, ainda voltou a Lisboa e ainda aqui causou successo, assim como em Madrid, para onde partiu depois.

Por essa occasião publicou o OCCIDENTE uma excellente gravura de Adelaide Ristori, acompanhada de artigo devido á penna brilhante de Ramalho Ortigão. Já prestou, portanto, esta revista a sua homenagem á inclita artista, agora morta, cabendo-me apenas o encargo da simples discripção que ahi fica.

PEDRO PINTO.

ADELAIDE RISTORI, N'UMA DAS SUAS COROAS DE ARTISTA, NO DRAMA «ISABEL DE INGLATERRA»